

PSICODIAGNÓSTICO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DE HAMLET, DA OBRA HOMÔNIMA DE WILLIAM SHAKESPEARE

DANISE MIRAPALHETA MACIEL¹; EDIO RANIERE DA SILVA²

1 Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas: danisemirapalheta@hotmail.com; 2 Professor de Psicologia Social na Universidade Federal de Pelotas: edioraniere@gmail.com

1. Introdução

Neste trabalho busca-se fazer um psicodiagnóstico fenomenológico-existencial do personagem Hamlet, do livro homônimo de William Shakespeare. Esse ensaio utiliza como principal referencial teórico a obra de Monique Augras, “*O ser da compreensão – fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*”, em que se busca priorizar o estudo dos seguintes tópicos: tempo, espaço, outro e obra, conforme explicitação da autora neste livro. Este trabalho foi apresentado como avaliação final da disciplina de Teorias Humanistas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, cuja ementa é conhecer e compreender a construção da matriz existencial-humanista e entender a visão de ser humano sob essa perspectiva teórico-conceitual; conhecer a importância da corrente existencial-humanista no desenvolvimento da psicologia e da psicoterapia; e interpretar o desenvolvimento humano com uma ótica existencial-humanista.

Hamlet é uma tragédia do renomado autor William Shakespeare, escrita entre 1599 e 1601. O enredo, que acontece na cidade de Elsenor, na Dinamarca, e conta a história do Príncipe Hamlet, que se finge de louco para tentar vingar a morte de seu pai. Pela complexidade da obra em si e dos personagens que a compõem é que este livro foi escolhido para o estudo fenomenológico-existencial de caso. Como o protagonista flutua entre a loucura e a sanidade e pela sua complexidade psicológica, ele é o escolhido para o método fenomenológico-existencial da construção do psicodiagnóstico, baseado na obra de Monique Augras.

2. Metodologia

Através da Obra “*O ser da compreensão – fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*”, de Monique Augras, foi realizado um psicodiagnóstico fenomenológico-existencial do personagem principal da obra de William Shakespeare, “Hamlet”. Neste trabalho, os seguintes itens foram analisados: tempo, espaço, outro e obra.

3. Resultados e Discussão

3.1. Contextualização do Personagem/Paciente

O enredo se passa na cidade de Elsenor, no reino da Dinamarca, onde o antigo rei, Hamlet, morre e quem recebe o trono é seu irmão, Cláudio, tio de Hamlet, este, o protagonista da obra. A mãe do personagem principal se casa com Cláudio, o que Hamlet considera uma grande traição, principalmente por supor que seu pai foi morto pelo seu tio. A tragédia se passa totalmente em torno da vingança arquitetada por Hamlet para vingar a morte de seu pai.

3.2. Tempo

Conforme Augras (2013, p. 30), “O tempo surge então, não como dimensão do mundo, mas como orientação significativa do ser”, e é por essa perspectiva que Hamlet será analisado no quesito “tempo”, pois ele, a partir do momento que se

perde no tempo, acaba sendo orientado para seu fim. Ainda segundo essa autora (AUGRAS, 2013, p. 30), “Analisar o tempo é observar o homem em sua maior contradição: a tensão entre permanência e transitoriedade, poder e impotência, vida e morte”. Hamlet entra nessa contradição quando seu maior propósito de vida é vingar seu pai, ao mesmo tempo em que é atraído para a morte.

Hamlet, por não viver o presente e estar ligado ao passado e ao futuro, entra como objeto de estudo da fenomenologia, pois o mundo do presente é, principalmente, o mundo da coexistência e da convivência social (AUGRAS, 2013, p. 34). Quando o protagonista da obra passa a viver mais o futuro do que o presente e quando seu propósito de vida passa a ser o planejamento da morte de seu tio, Hamlet corrobora o que Augras (2013, p. 35) defende:

[...] o futuro não é apenas experimentado como “tempo do projeto do homem”, mas se entremeia com a vivência do presente e do passado. Nesta ordem de idéias, o passado não é imutável, pois o significado de um acontecimento se transforma juntamente com a história do indivíduo. O futuro também atua, enquanto esperança ou receio. Nessa perspectiva, não é o passado que determina o presente, nem este o futuro. Ao contrário, é o sentido da trajetória do ser que modifica a significação do passado e do presente.

É nesse ínterim que Hamlet tenta se apegar ao passado ao mesmo tempo que se agarra ao futuro, pois tenta desfazer o ocorrido e fugir da realidade, na tentativa de ter de volta seu pai ao seu lado.

3.3. Espaço

Para Augras (2013, p. 44), “no espaço da coexistência, os homens tecem redes que os aproximam e os afastam, organizando o mundo de maneira a assegurar áreas recíprocas de movimentação”. Ou seja, esse castelo, que é a extensão de Hamlet também pode ser considerado a extensão dos outros personagens que viveram dentro desse ambiente. Assim sendo, todos os envolvidos na tragédia de Shakespeare coexistem nesse lugar, nesse castelo. Ademais, Augras (2013, p. 53) defende que a imagem do corpo e ele próprio são fenômenos sociais, que se comunicam e se constroem socialmente.

Embora a coexistência seja imprescindível e não possa ser negada, segundo Augras (2013, p. 45),

O espaço próprio, sendo extensão do corpo, não pode ser invadido. Constitui condição imprescindível de sobrevivência, tal como os limites corporais. É, textualmente, o espaço vital, cuja extensão deve ser mantida, custe o que custar.”

Ao mesmo tempo que Hamlet coexiste com seus pares, ele também luta contra isso, pois finge-se de louco para, que de alguma forma, não seja invadido pelos demais personagens.

Nesse ínterim, Augras defende que o reconhecimento de ser um corpo é crucial para que se possa distinguir o que é particular e o que vem do exterior e isso coopera para o conceito de identidade do ser. Por esse motivo, Hamlet busca tanto sua individualidade e sua separação do outro, para que possa construir sua própria identidade, não se identificando com o Cláudio, que possui um caráter duvidoso, nem com sua mãe, considerada traidora.

3.4. Outro

Segundo Augras (2013, p. 63), “O mundo humano é essencialmente o mundo da coexistência. O homem define-se como ser social e o crescimento individual depende, em todos os aspectos, do encontro com os demais”. Hamlet, apesar de coexistir com os demais personagens e consistir em um ser social, tenta manter sua individualidade fingindo-se de louco para que não tivesse que responder por seus atos quando vingasse a morte de seu pai.

Ainda segundo essa autora (AUGRAS, 2013, p. 63),

É comum considerar que determinadas perturbações expressariam uma falha antiga no manejo do relacionamento com os diversos “outros” que formam o ambiente familiar. A psicoterapia, [...], consiste precisamente em reaprender a lidar com os demais, mediante a interação com o Outro [...]

A vida de Hamlet pode corroborar essas perturbações na informação trazida por Augras de três formas, a primeira delas é através da relação que tem com sua mãe, por não concordar com suas atitudes acerca de seu pai e seu tio; a segunda forma é pelas conversas que o personagem tem com seu pai, já morto, e que causa muita estranheza, pois pessoas mortas não falam com pessoas vivas; a terceira, é através de sua relação doentia de vingança com seu tio, por considerá-lo um traidor.

Por mais que Hamlet tente negar sua identidade baseada na relação com sua mãe e com seu tio, há sim um pouco de cada um deles na sua formação pessoal. Pois, como nos diz Augras (2013, p. 64): “Como compreender os demais, sem neles incluir-se?”. Por outro lado, Hamlet, na tentativa de vingar seu pai, faz disso seu propósito de vida e é nas conversas com o espírito do genitor que aquele se mostra como parte coexistente deste.

3.5. Obra

De acordo com Augras (2013, p. 101),

[...] o mundo é obra do homem. Trata-se [...] de obra implícita, de um fazer contínuo que nada mais é do que o próprio processo da vida. [...] A obra explícita [...] ultrapassa as exigências do viver imediato e se propõe deliberadamente a criar um mundo paralelo ao da vivência cotidiana. Esse novo universo não terá estrutura diferente, pois ambos expressam o mesmo ser no mundo. Talvez a obra deliberada possua feições mais nítidas e conduza mensagens mais claras do que a obra implícita da vida. Com efeito, é o esclarecer da outra [...]

Hamlet, através de seu intento de vingança, faz da morte sua maior obra, pois com sua sagacidade acaba por provocar a morte de várias pessoas, entre elas, sua mãe e sua amada. A obra de Hamlet se dá principalmente pela busca de vingança através do contato com o espírito de seu pai. É através do propósito de vida que podemos encontrar a obra implícita do personagem, pois sua vingança pode ser considerada uma de suas maiores obras.

Para Augras (2013, p. 103), toda criação é precedida por uma destruição, ou seja, para construir é preciso primeiramente exterminar algo velho que já não serve mais. Em Hamlet, o personagem principal quer vingar seu pai destruindo seu tio, o que lhe traria a construção de um novo Hamlet, vingado, revigorado e que cumpre com seus compromissos de filho e de homem honrado.

Conforme Augras (2013, p. 105),

[...] o espectador assume a coautoria da obra, na medida em que se torne autor da sua liberdade. O artista age então como mediador, que, ao criar a obra, cria-se a si próprio e propicia o autorreconhecimento do espectador.

Na obra, quando Hamlet se sente desonrado por sua mãe e seu tio, o espectador toma partido, torcendo por um ou outro personagem e assim tem a liberdade de criar seu próprio desfecho para a estória. Com isso, abre-se um acesso a outro plano da realidade, que pode ser muito perigoso, pois há de haver uma transformação no ser que aprecia a obra.

4. Conclusões

É através do tempo e do espaço que Hamlet se situa na obra de sua vida, pois ao coexistir com os “outros” que fazem parte do enredo, ele se cria, se constrói, se desenvolve e recebe a liberdade para atuar, interagir e decidir sobre sua própria existência. Em relação ao tempo, é que Hamlet orienta significativamente o seu ser, ser no mundo, ser na obra, ser no espaço e ser no outro.

Hamlet traz sua vivência no tempo como algo temporário quando flutua entre passado e futuro, e estes interpenetram-se. Ele gravita entre pretérito e futuro como se presente não importasse, vive uma realidade coexistente entre os dois lugares no tempo. Hamlet não vive o presente e está ligado ao passado e ao futuro, contradizendo o mundo da coexistência e da convivência social que é o mundo do presente.

No espaço da coexistência, os homens produzem redes que os acercam e os afastam, criando um mundo que assegura áreas recíprocas de movimento. Hamlet coexiste com os demais personagens, mas luta contra isso, fingindo-se de louco para que não seja tocado por eles. Augras defende que o reconhecimento de se reconhecer como um ser individual é primordial para distinguir o que é pessoal e o que vem de fora e isso corrobora para o conceito de identidade do indivíduo. Por isso, Hamlet vai atrás de sua individualidade e seu afastamento do outro, para construir sua própria identidade e diferenciar-se dos demais.

Através de seu propósito de vingar-se, Hamlet cria sua maior obra: a morte, pois é através dela que provoca a morte de outras pessoas. A obra de Hamlet é principalmente a busca de vingança através do contato com o espírito de seu pai.

Finalizando, é através de trabalhos como este que pode-se vivenciar a profissão de psicólogo antes mesmo de estar formado, pois usando pacientes imaginários históricos pode-se ter uma ideia de como será o trabalho de um psicólogo humanista. Ademais, tem-se contato com a prática, contextualizando esta com a teoria estudada na disciplina de Teorias Humanistas.

5. Referências Bibliográficas

- AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão – fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. 16ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- HAMLET. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hamlet&oldid=42291492>. Acessado em: 20 mai 2015.
- RAMM, Laís Vargas. Compreensão fenomenológica do personagem Hamlet. **MOSTRA DE PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA**. Rio Grande: 2014.
- SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Martin Claret, 2005 (coleção Obra prima de cada autor)